

Na rua, na praça, na boate

Uma etnografia da sociabilidade LGBT no circuito GLS de Belém-PA

Mílton Ribeiro da Silva Filho e Carmem Izabel Rodrigues



Edição electrónica

URL: <http://journals.openedition.org/pontourbe/365>

DOI: 10.4000/pontourbe.365

ISSN: 1981-3341

Editora

Núcleo de Antropologia Urbana da Universidade de São Paulo

Edição impressa

Data de publicação: 1 Dezembro 2012

Referência eletrónica

Mílton Ribeiro da Silva Filho e Carmem Izabel Rodrigues, « Na rua, na praça, na boate », *Ponto Urbe* [Online], 11 | 2012, posto online no dia 01 dezembro 2012, consultado o 19 abril 2019. URL : <http://journals.openedition.org/pontourbe/365> ; DOI : 10.4000/pontourbe.365

Este documento foi criado de forma automática no dia 19 Abril 2019.

© NAU

Na rua, na praça, na boate

Uma etnografia da sociabilidade LGBT no circuito GLS de Belém-PA

Mílton Ribeiro da Silva Filho and Carmem Izabel Rodrigues

Introdução: uma pesquisa dissidente em Belém

- 1 Este artigo, baseado na etnografia urbana desenvolvida na cidade de Belém¹, insere-se nos atuais estudos sobre gênero e sexualidade. Trata das relações estabelecidas entre lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais (LGBT) no interior do circuito² GLS (de gays, lésbicas e simpatizantes) da capital paraense, com ênfase nas formas de sociabilidade e “modos de viver” os gêneros e sexualidades dissidentes. O recorte empírico inclui mulheres e homens LGBTs com idades entre 22 e 30 anos e residentes da Região Metropolitana de Belém. As entrevistas, num total de sete³, com o intuito de abranger a maior diversidade sociocultural possível, tiveram como foco principal as histórias de vida, com referência às trajetórias afetivo-sexuais e os trajetos desenvolvidos no interior do circuito na cidade.
- 2 Os espaços de sociabilidades escolhidos para esta pesquisa fazem parte de um “circuito GLS” de Belém, tendo em vista a existência de bares, boates, saunas e cinema concentrados nos bairros centrais da cidade (exemplo do Reduto e Nazaré, mas que acabam por se estender em direção aos bairros mais afastados do centro como São Brás, Guamá, Cremação e Marambaia). Esses espaços são destinados à frequência do público LGBT e serviram como ponto de referência para a seleção de interlocutores/as da pesquisa, com a possibilidade de identificar os gostos e estilos de vida determinada parcela da população LGBT, assim como tentar compreender como eles/elas constroem seus trajetos a partir das possibilidades que se lhes apresentam.
- 3 Em vista da breve exposição, buscou-se descrever o circuito de lazer GLS da cidade Belém, os trajetos, trajetórias e histórias de vida dos interlocutores/as da pesquisa, além de entender como as *performances* de gênero e orientações de sexualidade podem ser fundamentais no estabelecimento de formas de sociabilidades.

- 4 Na discussão sobre sociabilidade LGBT em Belém utilizo a perspectiva de Georg Simmel (1983) que compreende a sociabilidade como forma de *sociação*, cujo fim é a própria relação, ou seja, os laços estabelecidos entre os indivíduos têm uma razão em si mesmos, visto que em suas manifestações, a sociabilidade não teria propósitos objetivos, conteúdo ou resultados exteriores. De acordo com ele,
[...] a sociedade propriamente dita é o estar com o outro, para um outro, contra um outro que, através dos veículos, dos impulsos ou dos propósitos, forma e desenvolve os conteúdos e os interesses individuais. As formas nas quais resulta esse processo ganham vida própria. São liberadas de todos os laços com os conteúdos; existem por si mesmas e pelo fascínio que difundem pela própria liberação desses laços (p. 168).
- 5 Seu alvo é o sucesso do momento sociável. Então, Simmel formula o seguinte princípio para a sociabilidade: “cada indivíduo deve oferecer o máximo de valores sociais (de alegria, de realce, de vivacidade, etc.) compatível com o máximo de valores que o próprio indivíduo recebe” (1983, p. 172). E a vida na metrópole possibilita um afastamento dos indivíduos/pessoas, como acentua Simmel (1979), exemplificado na atitude *blasé*, especificando que não podemos interagir emocionalmente com todas as pessoas. Partindo do que aqui denomino como “ética da reserva e da invisibilidade”, utilizo a noção simmeliana de “reserva psicológica” para caracterizar o *ethos* relacional homossexual, que Paiva (2007) resume como uma
[...] recusa de evidência plena, mediante uma rarefação dos regimes de visibilidade do relacionamento e pelo uso de estratégias de restrição de expressividade, que garantem uma “margem” de reserva/distância psicológica, que protegem os relacionamentos de uma visibilidade ostensiva e que impõem um regime de enunciabilidade bastante favorável (PAIVA, 2007, p. 24)).
- 6 Mas há também o aparecimento, na cena urbana, com suas “fronteiras internas bem marcadas”, de indivíduos que *brinquem com o perigo*, que utilizem a *ética do grito* ou do *basfonds* e que assumam “papéis que podem ser alvos de violenta discriminação em certos domínios, mas que encontram situações e lugares onde possam ser desempenhados com relativa segurança”, conforme Gilberto Velho e Luiz Antônio Machado (1977, p. 80). Na etnografia sobre um *network* homossexual e homossocial carioca, Carmem Dora Guimarães (2004) afirma que
[...] Outra possibilidade oferecida pela metrópole é a oferta de espaços sociais legítimos e exclusivos (lugares públicos, como faixas de praia, bares, saunas, boates) para uma clientela de identidade sociossexual estigmatizada [...] nos quais não há maiores sanções ou proibições (p. 65).
- 7 Ou seja, viver uma “sexualidade deteriorada” na cidade é possível porque existem lugares de segurança, lugares onde essas sexualidades possam ser vividas e visibilizadas sem constrangimentos. E ainda mais, é possível porque existem pessoas que compartilham das mesmas experiências, com relação à sexualidade. Esses “espaços de segurança” compõem o *circuito* GLS da cidade, onde englobo tanto os espaços dos bares, boates e afins. Atualmente, o centro do circuito GLS em Belém é o bairro do Reduto, porque exhibe “uma prática ou a oferta de determinado serviço por meio de estabelecimentos, equipamentos, e espaços que não mantêm entre si uma relação de contiguidade espacial, sendo reconhecido em seu conjunto pelos usuários habituais” (MAGNANI, 2002, p. 23).
- 8 Acreditando, ainda, na *distensão* do conceito de circuito, destaco a etnografia do circuito bregueiro de Belém produzida por Antônio Maurício Costa (2009), onde este visualiza,

além do aspecto material do circuito (com as casas de festa e a apresentação das aparelhagens) a oferta de um “serviço fundamentalmente voltado para o lazer” o “universo de sociabilidade que é a festa em si, marcada por códigos (saber dançar, reconhecer as músicas, estar familiarizado com determinada cada de festa, fazer parte de um fã-club de aparelhagem, etc.), encontros e comunicação (COSTA, 2009, p. 18).

- 9 Como parte dos deslocamentos dentro do circuito, é importante observar os *trajetos* constituídos pelos interlocutores desta pesquisa, tendo em vista a escolha que estes sujeitos fazem durante o processo *outing* de espaços de sociabilidade que possibilitem visibilidade e relativa proteção de suas orientações de gênero e sexual. Sendo assim, a categoria analítica será vista sob a perspectiva dos “fluxos recorrentes no espaço mais abrangente da cidade e no interior das *manchas*⁴ urbanas” (MAGNANI, 2002, p. 23).
- 10 A sexualidade e a identidade de gênero no processo *outing* precisam ser “negociadas” e/ou “agenciadas”, seja na casa ou na rua⁵, no âmbito do público e do privado, levando em consideração os espaços de interseção entre as duas categorias e os dois conceitos⁶. A referência a esse aspecto é para introduzir o termo êmico “meio”⁷. No sentido de que pertencer ao “meio” é usufruir do circuito GLS constituído em Belém. Pode-se inferir que as três categorias/conceitos, *casa/privado*, *rua/público* e *meio*, possuem fronteiras fluídas e movediças, pois são espaços discursivos, onde os “dispositivos de sexualidade” acharão espaços viáveis para agir na configuração de uma sociedade disciplinada e regulada (FOUCAULT, 1997).
- 11 Na análise que faz de um bairro de Belém, o Jurunas, Carmem Rodrigues (2008b, p. 273) entende que a partir da *sociabilidade festiva* e do “grande mercado de trocas de bens materiais e simbólicos, um espaço de circulação de pessoas, saberes, dádivas e dívidas, enfim, um espaço de circulação de capital social e simbólico” os sujeitos ribeirinhos (re)criam possibilidades de sobrevivência e estabelecimento na cidade, assim como de “apropriação de um espaço próprio, um lugar de sentido e fonte de identidade” onde articulam um “conjunto de práticas que fazem parte de uma agência cabocla para conquistar a cidade” (RODRIGUES, 2008a, p. 107). Partindo dessa perspectiva, pode-se perceber que os sujeitos do circuito GLS utilizam-se de diferentes agências para a diluição/ruptura do “meio”, usando a fronteira como espaço de transgressão, de confusão que possibilite a criação, a criatividade⁸, tornando o indivíduo limítrofe um *simpatizante* para assim torná-lo suspeito, como aponta João Silvério Trevisan (2000). Esse caráter lúdico e artístico da sociabilidade pode ser encontrado no circuito GLS de Belém.

Sociabilidade em Belém: dialogando com a cidade

- 12 A cidade de Santa Maria de Belém do Grão-Pará foi fundada, em 12 de janeiro de 1616, por Francisco Caldeira Castelo Branco, que erigiu a edificação-marco do desenvolvimento urbano da cidade, o Forte do Presépio – Forte do Castelo⁹ anteriormente–, às margens da Baía do Guajará. A escolha para construção deu-se pela localização privilegiada do terreno, pois este se encontra na foz do Amazonas, “ao sul do estuário amazônico e protegido do oceano, este forte contribui para a expansão lusa no norte do Brasil¹⁰”, ponto estratégico de combate aos ingleses e holandeses¹¹, e que “desempenhou um importante papel na ocupação da região¹²”.
- 13 Ainda no século XVII, com a expansão da cidade e do conseqüente desenvolvimento urbano, a cidade contava com três freguesias: Sé, Campina e Trindade. A primeira era

conhecida à época como Cidade, onde hoje é o bairro da Cidade Velha. A segunda, na área imediatamente contígua, onde hoje se encontra o, quase extinto, bairro da Campina. E a terceira nas imediações do que conhecemos hoje como o bairro do Comércio. Na virada do século XIX para o XX, a cidade agregava mais uma freguesia, a de Nazaré – onde a referência hoje em dia é a Basílica de Nazaré. Assim a cidade crescia em todas as direções.

- 14 A antropóloga Carmem Izabel Rodrigues (2008a, p. 98), no texto em que descreve a formação do bairro do Jurunas, seu objeto de análise, diz que
- No início dos oitocentos, um evento importante marcou a expansão da cidade em direção aos bairros hoje denominados Batista Campos, Jurunas, Condor, Cremação e Guamá: o aterramento do igarapé do Piry, um braço do rio Guamá que desaguava na baía do Guajará; a partir de então surgiram novas ruas e avenidas, ligando o centro da cidade aos arrabaldes paralelos ao Guamá. Com o aterramento, a estrada das Mongubeiras (hoje Almirante Tamandaré) ligou o largo do Bagé, no Arsenal de Marinha, ao largo da Pólvora e à estrada de Nazaré, que dava acesso ao único caminho terrestre de saída da cidade.
- 15 Essa expansão da cidade, para o norte, evidencia o crescimento urbanístico de Belém, com inúmeras construções sendo erguidas, ruas e bairros sendo criados, estradas sendo alargadas e um processo de saneamento sendo implementado; isso tudo ligado à economia do ciclo da borracha, do século XIX. E, emergem nesse momento, dois importantes pontos atuais de sociabilidade: a Doca, no bairro do Reduto, e a Praça da República.
- 16 Através do sistema de escoamento dos canais de águas pluviais, havia uma ligação entre o antigo Largo da Pólvora – atual Praça da República – e a *Doca do Reduto*¹³ – hoje Avenida Visconde de Souza Franco – e após a terraplanagem dessa área, em meados do século XIX, e contando com uma “aprazível localização e seu dinamismo comercial” a cidade ganhou um novo “cartão-postal” (SOUSA, 2009, p. 32-33).
- 17 Com todas essas modificações ocorrendo na cidade, em finais do século XIX e início do XX, o bairro do Reduto passou a ocupar uma característica interessante, pois sua “localização junto aos terminais de transporte fluvio-marítimo favoreceu o surgimento de unidades fabris na área central ou em áreas próximas a esta, como era o caso do Reduto” (SOUSA, 2009, p. 67). Com isso, prédios para servirem de fábricas foram construídos e casas para abrigar a mão-de-obra operária também foram erguidas.
- 18 A partir deste ponto é que pretendo desenvolver algumas considerações, pois com o processo de estigmatização que ligava o Reduto a uma origem operária, este foi, a partir da década de 1940, período final da pesquisa de Sousa (2009), perdendo terreno no mercado imobiliário, porque não tinha para onde se expandir, sendo deixado de lado em detrimento do bairro vizinho, o Umarizal. Mas esse é um tema que merece mais investigação, histórica e antropológica. Portanto, acredito que muitas das construções residenciais e industriais foram abandonadas, o que pode ser observado fazendo-se uma rápida visita pelo bairro e verificando-se o nível de deterioração de algumas edificações, e num momento posterior foram compradas por empresários que almejavam desenvolver neste bairro um circuito de lazer.
- 19 Assim, na pesquisa desenvolvida por Telma Amaral Gonçalves (1989) com homossexuais na cidade de Belém na década de 1980, a autora apresenta, como principal lugar de interação e sociabilidade entre os LGBTs, o Bar do Parque, na Praça da República, com “uma frequência bem expressiva de homossexuais de ambos os sexos sendo que, particularmente à noite, quando o movimento aumenta no local, pode-se observar, além

disso, um número razoável de prostitutas e, também, de travestis que fazem da prostituição o seu meio de vida.” (GONÇALVES, 1989, p. 7-8).

- 20 A pesquisa de Izabela Jatene de Souza (1997) sobre as “tribos urbanas” da capital paraense – e que inclui uma observação sobre a dinâmica das *drag-queens* – em contexto chamado por ela de “pós-moderno”, evidenciou mais alguns lugares do circuito de sociabilidade juvenil em Belém, na década de 1990. Aparecem, na etnografia, as boates *Athenas* e *Zeppelin Club*, conhecidos clubes mix¹⁴ da capital naquela década, além da Praça da República, lugar onde ela fez quase todo o campo. Essa pesquisa ajuda a reconstituir o panorama deste circuito, a saber:

Atualmente, além dos espaços que anteriormente eram comuns às *drags*, após 1995, se configurou na cidade uma espécie de território circunscrito, que não se restringia apenas a boates gays. Casas noturnas como o *Bar La Nuit* (Rua Doutor Moraes, 581), o *407 Night Club* (Av. Gentil Bittencourt, 407), o *Bar Luau* (Trav. Rui Barbosa), a *Boate Eqquos* (Rua 28 de Setembro) são locais que já existiam como guetos homossexuais e, além de shows de *dragsqueens*, neles apresentavam-se também transformistas e travestis [...] Nesse contexto, até o referido momento podia-se dizer que as *drags* ficavam muito restritas aos guetos homossexuais, frequentados por “iguais” ou “informados”. Outros bares e boates foram inaugurados e abriram suas portas para apresentações de *dragqueens*, como o atualmente extinto *Bar GoFish* (Trav. Rui Barbosa entre Av. Brás de Aguiar e Av. Nazaré), a boate *Doctor Dance* (Rua Boaventura da Silva entre Trav. Quintino Bocaiúva e Av. Visconde de Souza Franco), a *Boate Mix* (Trav. Almirante Wandenkolk entre Rua Antônio Barreto e Rua Diogo Mória) (SOUZA, 1997, p. 153).

- 21 De acordo com o exposto até agora, fica evidente que o bairro do Reduto e arredores, assim como a Praça da República, configura[ra][m], pelo menos nos últimos vinte anos, uma grande mancha de lazer e sociabilidade juvenil.

A Praça da República é um logradouro composto por três áreas distintas, localizado no bairro do Centro. Encontra-se limitada pela Av. Presidente Vargas, Av. Assis de Vasconcelos, Travessa Oswaldo Cruz, Av. Nazaré e Rua Gama Abreu. Sua implantação acompanhou a evolução da cidade de Belém. Por volta do século XVII, aparecia como uma grande clareira aberta na mata, distanciada do núcleo urbano, limitada por um cemitério destinado aos escravos e à população de baixa renda. Com o desenvolvimento da cidade, já no século XVIII, ocorreu a transferência de um depósito de pólvora para essa área, o qual ocupava o Largo da Pólvora, que serviu de denominação para a antiga clareira [...] No século XIX três fatos marcantes podem ser citados na história deste logradouro.

Primeiramente, a mudança do depósito bélico para outra localidade distante do núcleo urbano, que a esta época já se estendia até o Largo, o que propiciou a mudança de sua denominação para “Praça Pedro II”. Nesse momento, Vitorino de Souza Cabral realizou diversos melhoramentos na área, como o arruamento e ajardinamento do conjunto. Além, disso, vale citar novamente a construção do Teatro da Paz, inaugurado em 15 de fevereiro de 1878 [...] com a proclamação da República, a praça passou a denominar-se “Praça da República”, como é conhecida atualmente (SOUZA, 1997, p. 43-45).

- 22 Após esse breve histórico, é possível afirmar que essa praça¹⁵ possui coretos, anfiteatro, um pequeno teatro experimental e um amplo gramado que servem de ponto de encontros e sociabilidade entre jovens e adultos; abriga ainda o Bar do Parque, reduto da boemia da capital paraense nas décadas de 1970 e 1980, e o Teatro da Paz, construção que data de 1878, símbolo arquitetônico do período da borracha. Durante muitos anos a praça recebeu a Parada Militar de 7 de Setembro – que acontece agora na Aldeia Cabana – e por ela ainda

passam a Trasladação e a Procissão do Círio de N. S. de Nazaré¹⁶, a Parada do Orgulho LGBT, sem falar da Festa da Chiquita¹⁷. Comumente, é o ponto de chegada, nas manhãs de domingo dos meses de junho e outubro, do cortejo festivo comandado pelo grupo cultural “Arraial do Pavulagem”. Então, por tudo isso, a praça continua sendo um ponto de encontro e localização na cidade de Belém.

- 23 Essa grande mancha é um exemplo do que Néstor Canclini (2008) chamou de “multifocalidade, policentricidade e polissemia” característica das grandes cidades, que divide as mesmas em várias áreas, centros e sentidos. Portanto, a praça e o Reduto carregam esses sentidos variados, principalmente para quem usufrui desses espaços e nele inscreve seus próprios fluxos, criando fronteiras simbólicas e se mesclando às hibridações culturais possibilitadas pelas grandes cidades (HANNERZ, 1997).
- 24 A Praça da República, que ocupa uma posição central na dinâmica cultural-político-festiva da cidade, pois é ladeada pela principal rua do centro econômico da cidade, a Avenida Presidente Vargas, ganhou uma nova dimensão com o trecho acima. Quem a conhecia somente como um lugar de passagem pelo centro econômico da capital pode perceber, a partir da entrevista com P. H., que ela comporta diferentes referenciais e sentidos, como o de recanto de descanso para alguns, de passagem para outros, e de ponto de encontro e flerte entre sujeitos dissidentes.

De bares, boates, saunas e cinema: o circuito GLS em Belém

- 25 Nesta seção proponho descrever as minhas experiências de campo no circuito GLS de Belém a partir da memória da primeira vez em que estive numa boate, observando que, a memória é sempre algo construído e que, de acordo com Michael Pollak (1989, p. 3), é “o que é comum a um grupo e o que o diferencia dos outros, fundamenta e reforça os sentimentos de pertencimento e as fronteiras sócio-culturais”.
- 26 Portanto, a primeira vez que estive numa boate foi no terceiro domingo de julho de 2007, eu tinha nessa época 23 anos, e entrava “tarde” no circuito das boates gays, pois a partir de conversas com amigos/amigas e interlocutores descobri que essa entrada se dava muito mais cedo, por volta dos 16 anos. E como Pollak (1989) chama atenção, eu estava começando a me sentir parte da comunidade LGBT e a partir desse momento começava a acessar a memória coletiva de grupo de pertencimento.
- 27 O que mais recorro nesta primeira ida não é das pessoas com quem conversei ou que conheci, é óbvio que fui com amigos de quem gosto e conversei com pessoas com as quais mantenho contato, mas o símbolo daquela experiência encontra-se explicitado no símbolo máximo da comunidade LGBT: a bandeira do arco-íris¹⁸.
- 28 A antropóloga Isadora Lins França (2007a) chama atenção para o compartilhamento simbólico mantido entre militância e mercado, justamente no que diz respeito ao uso da bandeira:

Além das mudanças estruturais em relação ao mercado GLS, há também uma transformação considerável na forma como ele se constitui e se apresenta: os espaços de consumo e sociabilidade passam a incorporar, em certa medida, elementos do discurso ativista do orgulho e da visibilidade, explicitando o seu direcionamento a um público de orientação sexual determinada e compartilhando alguns símbolos com o movimento

GLBT, como é o caso da bandeira do arco-íris, que passa a ser comum em lugares GLS e em muitas atividades do movimento (FRANÇA, 2007a, p. 299).

- 29 Em vista do exposto acima, observei que a maioria dos lugares ostentava uma bandeira ou as cores do arco-íris para identificar o lugar como espaço GLS¹⁹. Após esse primeiro contato, passei a frequentar as boates GLS com maior intensidade, até porque já havia perdido o medo de ser “descoberto”, pois nessa primeira ocasião estive na companhia de uma prima. Naquela época, em 2007, as boates e bares que mais “bombavam²⁰” eram: a Lux Club e o Fetiche, no bairro do Reduto; o bar da Ângela, no Guamá; o bar Veneza, na Cremação; a Vênus, na Marambaia; e a Rainbow, na Rod. Augusto Montenegro. Este último foi o lugar do meu rito de passagem.
- 30 Dos bares e boates descritos acima, com exceção do Fetiche, que depois de um tempo mudou de nome passando a chamar-se “Paparazzo” – e que durante o período de campo estivera aberto, mas logo depois encerrou as atividades –, todos os outros continuam abertos. No período compreendido entre 2007 e 2010, ainda abriram-se outros: o Malícia (que já foi *Pub*, *Gold* e agora é *Hot*), o Amnésia Pub (que depois transformou-se no bar lésbico *Moulin Rouge*), a Sputnik (que hoje dá lugar a R4 Point), a Hache; além de outras que encerraram atividades sem que eu conhecesse.
- 31 A dificuldade em determinar o que é bar e o que é boate, conduz às definições “perigosas²¹” expostas por Carlos Henning (2008), na etnografia dos bares e boates em Florianópolis, para assim classificar os lugares de sociabilidade homoerótica em Belém, pois onde aparece o artigo “a” antes dos lugares objetivo que se leia como “boate” e quando aparece o artigo “o” leia-se “bar”:
- [...] *Bar*: quando não há pista de dança e a interação não permanece centrada na dança. Haveria uma tendência das pessoas permanecerem mais sentadas, no consumo de bebidas e conversas entre os presentes. As pessoas viriam mais para conversar, beber e encontrar outras pessoas do que propriamente para dançar. Geralmente os bares têm espaço físico mais reduzido que as boates.
- Boate*: quando há pista de dança a interação social está centrada nas relações que se estabelecem na pista (danças, conversas, exposição, flertes, etc.). As pessoas também viriam para conversar, beber, encontrar alguém, mas a presença e importância da pista de dança – e o dançar em si – seria muito relevante (HENNING, 2008, p. 46).
- 32 Pode-se então contabilizar hoje, na cidade de Belém, seis boates (Malícia, Lux, Hache, Rainbow, Vênus e R4 Point), dois bares (Bar da Ângela e Veneza), quatro saunas (Calypso, Paradise, Reduto e Thermas 21) e um cinema (Cine Ópera). Estes lugares encontram-se espalhados pela cidade, tanto em bairros centrais, como Reduto, Umarizal e Centro e Nazaré, quanto em bairros periféricos, como São Brás, Guamá, Cremação, Marambaia; formando um curto circuito, que pode ser percorrido em apenas um dia devido a pequena quantidade de espaços.
- 33 Existem outros pontos de sociabilidade homoerótica, como: o *Sex Shop* “Comprimas Quentes”, com cabines individuais de projeção e locação de vídeos pornô, localizado no Telégrafo; os banheiros dos *shopping centers* e das grandes lojas de departamentos, localizadas nos mais diferentes bairros da cidade; a Doca e a não menos observável Praça da República, tradicional ponto de sociabilidade homoerótica, prostituição e michetagem, localizada no centro da cidade, como descrito acima.
- 34 Como dito acima, a cidade de Belém comporta inúmeros lugares de sociabilidade LGBT onde os indivíduos podem compartilhar os códigos do gueto, como o bajubá²², por

exemplo, além de participar do fervo²³. Entretanto, é mister fazerem-se as ressalvas quanto ao estabelecimento de gueto gay no Brasil, pois, diferente do que aconteceu nos EUA, aqui não se estabeleceu o que os últimos escritos e entrevistas de Foucault (2009 e 2010) evocam, quando este percebe a importância da amizade para a configuração de uma comunidade exclusivamente formada com base na sexualidade. Em entrevista dada a uma publicação francesa, Foucault (2009), impressionado com a organização social dos gays na Califórnia, nos Estados Unidos, afirma que este é

[...] Um modo de vida [que] pode ser partilhado por indivíduos de idade, estatuto e atividade sociais diferentes. Pode dar lugar a relações intensas que não se pareçam com nenhuma daquelas que são institucionalizadas e me parece que um modo de vida pode dar lugar a uma cultura e a uma ética. Acredito que ser gay não seja se identificar aos traços psicológicos e às máscaras visíveis do homossexual, mas buscar definir e desenvolver um modo de vida (FOUCAULT, 2009, p. 2-3).

- 35 Richard Miskolci (2009), no texto onde faz uma relação entre a vida de Michel Foucault e Oscar Wilde, a partir da estética da existência²⁴, afirma que

[...] Os bairros gays norte-americanos não haviam resultado de um projeto nem tiveram em sua origem a inspiração em modelos pré-existentes ou intelectualizados. Estes espaços de resistência cultural surgiram de práticas fundadas na experiência conjunta do amor por pessoas do mesmo sexo. Eles abriram seu lugar nas cidades em um processo social e político de adensamento em torno da vizinhança, constituição de novas sociabilidades e estilos de vida. O contato e a vivência deste experimento norte-americano levou Foucault a refletir sobre a homossexualidade como uma forma criativa de aceder a um estilo de vida que seria uma reação à psicologização de si mesmo (MISKOLCI, 2009, p. 12).

- 36 Enquanto nos EUA desenvolveram-se “*gays ghettos*”, nos moldes dos espaços referidos na escola sociológica de Chicago, tendo Robert Park (1987) como o grande expoente, no Brasil isso se mostrou impossível, uma vez que não foram desenvolvidos os quatro principais critérios para a configuração do gueto, em seu sentido *stricto*: concentração institucional, concentração por “área de cultura”, isolamento social e concentração residencial (PERLONGHER, 1987, p. 53; FRANÇA, 2006, p. 32). Portanto, nem as grandes metrópoles brasileiras, como São Paulo, desenvolveram os ditos guetos gays²⁵.

- 37 Construíram-se, no entanto, grandes manchas de sociabilidade e lazer mediadas pelo mercado²⁶ de prostituição de michês²⁷ e travestis²⁸, de sociabilidade entre mulheres²⁹ e de clubes de sexo masculinos³⁰ na capital paulistana. No Rio de Janeiro, Guimarães (2004) esboça o pequeno circuito estabelecido entre os *entendidos* pela orla de Copacabana. E, em Santa Catarina, Henning (2008) recompõe parte da mancha de lazer GLS na ilha de Florianópolis. Esses espaços, no contexto da segmentação de mercado³¹, começam a se consolidar nos anos 1990, no Brasil, mas especialmente em São Paulo, pois de acordo com França (2007b)

[...] Desde meados da década de 1990, o que se conhecia como o “gueto” homossexual começa a se transformar num mercado mais sólido, expandindo-se de uma base territorial mais ou menos definida para uma pluralidade de iniciativas, que não deixam de comportar um circuito de casas noturnas, mas que também envolve, hoje, o estabelecimento de uma mídia segmentada, festivais de cinema, agências de turismo, livrarias, canais de TV a cabo, inúmeros sites, lojas de roupas, entre outros. Tal expansão vem acompanhada da proliferação de diversas categorias pautadas por estilos de vida – como as *barbies*³², *ursos*³³ e *coroas*³⁴ – e de uma crescente segmentação de espaços de consumo destinados a cada uma delas. A segmentação de espaços destinados ao público

homossexual acontece simultaneamente a um processo de multiplicação de identidades no interior do movimento GLBT: além das grandes categorias de gays, lésbicas, bissexuais, travestis e transexuais assumidas pelo movimento homossexual, emergem também subgrupos, incentivados pela proliferação de fóruns e listas de discussão na internet e pertencentes principalmente ao segmento dos gays (grupos de advogados gays, judeus gays, adolescentes gays, surdos gays, etc.) [...] É nesse contexto que surge a categoria GLS. Se a ideia norte-americana de friendly refere-se a espaços frequentados predominantemente por heterossexuais, nos quais homossexuais são bem vindos, a ideia brasileira de GLS segue o caminho inverso: o S da sigla indica “simpatizante”, tendo como ponto de partida espaços frequentados majoritariamente por homossexuais e revelando uma intenção de expandir as fronteiras do “gueto”, quando propõe abarcar também consumidores que não se identificam como homossexuais, mas que de alguma forma participam desse universo (p. 232-235).

- 38 Belém seguiu os padrões estabelecidos em outras capitais brasileiras, onde não existem bairros exclusivamente gays, sendo estes integrados a manchas maiores de lazer e sociabilidade, e o mercado não se segmentou a tal ponto, sendo comum encontrarmos no mesmo ambiente: *ursos, barbies, coroas, pintosas, travestis, andróginos, lésbicas e “sem rótulos”*. O circuito GLS está presente dentro da macha de sociabilidade que existe, principalmente nos bairros do Reduto e Umarizal, atualmente. Assim, com exceção das boates Vênus e Rainbow e do bar da Ângela – os dois primeiros localizados na saída de Belém, nos bairros da Marambaia e Nova Marambaia e o último no bairro do Guamá – as boates tendem a manter-se nos arredores de outros circuitos festivos, possibilitando um contato de várias pessoas e segmentos (sexuais, sociais, econômicos). Por exemplo, a boate Lux está, atualmente, próxima a uma das esquinas mais movimentadas nos finais de semana, as da Av. Senador Lemos com a Almirante Wandenkolk. Nesse cruzamento, três das quatro esquinas são ocupadas por estabelecimentos de lazer.
- 39 França (2007b), ao falar do mercado segmentado paulistano e do salto no número de estabelecimentos direcionados à LGBTs, expõe um receio, haja vista que [...] A identificação dos espaços de consumo ligados ao público homossexual como GLS sem dúvida impulsionou a expansão desse mercado e possibilitou sua visibilidade para além do “gueto”. Esse processo caminhou junto com a incorporação gradativa da categoria GLS ao cenário de lazer noturno da cidade e GLS passou a ser indicador não mais de uma atitude “moderna”, perdendo os ares de contestação e novidade que a ela se agregaram logo que surgiu e passando a denominar qualquer casa noturna ou iniciativa do mercado dirigida a homossexuais. É importante notar que esse novo mercado GLS também absorveu os antigos espaços de sociabilidade homossexual de forma diferenciada. O seu desenvolvimento é atravessado por relações de poder que empurram “mais gordos”, “mais velhos”, pobres, negros, travestis, michês e “efeminados/masculinizadas” para os espaços marcados por um menor prestígio social e menos integração a circuitos globais. Seu caráter excludente surge com força quando olhamos para as pessoas nas pontas mais marginalizadas socialmente, às quais não é permitido exercer sequer o papel de consumidoras (FRANÇA, 2007b, p. 237).
- 40 Foi possível perceber, durante o campo, que os usos e as utilidades dados aos espaços de sociabilidade dependem da maneira como cada indivíduo constrói sua subjetividade, constrói uma identidade que o levará a frequentar determinado lugar. Por exemplo, um bar voltado para uma clientela lésbica pode ser um lugar evitado por gays e o contrário é também verdadeiro. Alguns gays declararam não gostar do bar Veneza, por exemplo, por

ser frequentado quase que exclusivamente por mulheres lésbicas e por tocar determinado tipo de música, mais lenta que as batidas eletrônicas, em geral MPB, enquanto algumas lésbicas afirmaram evitar as boates, por serem frequentadas por um número elevado de homens e por apresentar um “outro” tipo de música e um som muito alto, que impediria uma conversa mais prolongada.

- 41 O Veneza e o Refúgio dos Anjos (ou Bar da Ângela) são estabelecimentos que congregam uma grande quantidade de mulheres lésbicas. O primeiro está localizado na esquina da Rua dos Mundurucus com a Travessa 3 de Maio, no bairro da Cremação. Está num ponto movimentado do bairro, que possui inúmeros bares e botecos. Só neste cruzamento existem três bares, um em cada esquina. Em frente ao bar, existe um ponto de ônibus e o tráfego de veículos é intenso, sendo possível ver quem está no bar de dentro dos automóveis. O segundo está localizado na Rua Barão de Igarapé-Miri, no bairro do Guamá. O ponto de localização para quem quer chegar até lá é a única praça do bairro, a Praça Dalcídio Jurandir, localizada na mesma rua e vizinha ao bar. Existem algumas linhas de ônibus que passam pela rua em que fica o bar, não sendo difícil chegar e localizar o estabelecimento, também por conta de ficar na área referente à feira do bairro, próxima à Avenida José Bonifácio.
- 42 Apesar de se encontrarem em bairros diferente, eles possuem em comum uma grande frequência de lésbicas. Apesar de não ser declaradamente um bar GLS a quase totalidade dos frequentadores do bar Veneza são LGBT, principalmente lésbicas, que vem neste espaço a possibilidade de “fugir” das boates, lugar de maioria gay, e poder manter contatos com outras mulheres. No bar da Ângela, o sábado é dedicado às mulheres e neste dia há show de *stripper* feminino e “músicas mais lentas”, de acordo com a preferência das frequentadoras.
- 43 É nesse contexto que a sociabilidade aparece como [...] um dos conceitos que permitem aprofundar a compreensão do modo como se organiza a sociedade através de uma associação básica [...] um tipo ideal entendido como o “social puro”, forma lúdica arquetípica de toda a socialização humana, sem quaisquer propósitos, interesses ou objetivos que a interação em si mesma, vivida em espécies de jogos, nos quais uma das regras implícitas seria atuar como se todos fossem iguais (FRÚGOLI JUNIOR, 2007, p. 9).
- 44 A sociabilidade entre LGBTs no interior do circuito GLS de Belém adquire, em alguns momentos, um ar de *déjà vu*, por existirem poucos espaços disponíveis para o lazer sem coerções. Nas boates e bares reconhecidamente GLS, era comum o sentimento de que as pessoas iam sempre para os mesmos lugares³⁵. Entre os anos de 2010 e 2011, o campo foi realizado sem qualquer tipo de relação com os proprietários e gerentes dos lugares pesquisados, sendo que era possível usufruir dos lugares tanto quanto qualquer cliente, apenas mantendo contatos dentro dos bares e boates com poucos funcionários, com a finalidade de entender algumas práticas e hábitos de consumo. Outra forma de obter pistas e poder entender o que acontecia nestes ambientes era por meio das conversas³⁶, com amigos/as, conhecidos/as de amigos/as e interlocutoras/es. Quase sempre, a partir dessas redes, conseguia-se saber quais os lugares mais frequentados, os lugares que estavam “bombando³⁷”, os lugares “uó³⁸”, os lugares que as “bichas finas³⁹” frequentavam e para onde iam as “pererecas⁴⁰”, além de saber quem eram as cantoras/es que estavam em evidência nas pistas de dança.

- 45 A frequência de pessoas hetero-orientadas é visível em quase todo o circuito GLS, sendo que a grande maioria é composta por mulheres, as *faghags*⁴¹, acompanhando seus amigos gays, num fenômeno curioso que poderia ser tema de pesquisa, pois muitas dessas mulheres acabam “ficando” com gays e lésbicas, após algumas doses extras de bebidas alcoólicas, como presenciei algumas vezes.
- 46 A presença ou não de show, geralmente de *dragqueens*, algumas vezes de *gogo boys* e pouquíssimas vezes de *go go girls*, define a lotação da casa. Por exemplo, em dia de finais de concursos, no estilo concurso de miss ou de beleza, boates como a Lux, Rainbow, R4 Point e Vênus costumam cobrar mais caro e a lotação chega à beira do insuportável, tamanha a quantidade de pessoas que vão torcer para @s candidat@s. A boate Lux é a referência na prática desses concursos (herdeira da antiga Gol!), mantendo no seu calendário anual alguns bastantes disputados, como: o Beleza Negra, o Top Blond, o Miss Pará Gay.
- 47 Em contraposição os bares, como não possuem pista de dança, são geralmente compostos por amplos salões com mesas e cadeiras. Nos dois bares pesquisados, somente o Veneza mantém shows ao vivo de cantores paraenses, variando no estilo conforme o dia da semana, tocando de pagode a axé, passando por MPB e sertanejo, enquanto no Bar da Ângela o som é operado por uma DJ, que dificilmente toca *dragmusic*⁴², dando preferência para ritmos locais como tecnobrega e tecnomelody, mesclando com axé, samba, pagode e sertanejo.
- 48 Um dado interessante de pesquisa é que a frequência de mulheres lésbicas nas boates é pequena se comparada ao número delas nos bares. Nestes lugares estão quase sempre acompanhadas de suas parceiras e quase nunca são vistas sozinhas. As conversas informais que tive com algumas mulheres lésbicas apontam uma rejeição à batida eletrônica, tendência nas casas noturnas, preferindo um som com “mais letra”, ou seja, a preferência por bares é explicada pelo fato delas preferirem escutar MPB, samba ou rock nacional cantado por cantoras, de preferência ao vivo.
- 49 As saunas não foram incluídas na descrição dos lugares visitados, mas apenas uma *sex shop* anexo a uma delas, que incluía, além do salão com os mais variados brinquedinhos eróticos, a videolocadora com filmes pornô de todos os gêneros. Este estabelecimento mantém ainda pequenas cabines que podem ser alugadas para encontros sexuais fortuitos. Mas nas entrevistas, além de conversas com amigos que as frequentam, foi possível entender um pouco da dinâmica do lugar. Uma característica marcante nas saunas de Belém, principalmente as que fazem parte do circuito GLS, é a inexistência de mulheres (lésbicas, transexuais ou travestis) nos espaços de convivência interno, com exceção das funcionárias, que são direcionadas apenas para a recepção. Então, a presença masculina, como todas as suas variações, é percebida a partir da circulação do contingente de homens gays e homens que fazem sexo com homens⁴³ entre as cabines, chuveiros, salas de vapor e bar.
- 50 Com uma configuração distinta das saunas, temos em Belém um único “cinema de pegação” em que os contatos homocorporais são permitidos. É também o único cinema com exibição de filmes pornô HT⁴⁴ da cidade. Fica na Av. Nazaré, em frente ao Centro Arquitetônico de Nazaré – CAN, praça localizada em frente à Basílica de Nazaré, de onde parte o Círio de Nazaré. Anos atrás havia, colado a ele, outras duas salas de cinema, que acabaram fechando. O público deste lugar é composto basicamente por gays, HSH e travestis. Durante a pesquisa, quase sempre escutava uma menção ao Ópera, como lugar

propício ao contato sexual, pois a demanda erótico-sexual é facilitada pelo clima à meia-luz do cinema, sendo referendado como um lugar propício à transa ocasional, pois já foi mais famoso e vistoso na paisagem da cidade, mas que agora é retratado como um lugar de decadência.

Experiências online e off-line: construções de si

- 51 As experiências relatadas pelas/os interlocutoras/es no circuito GLS demonstram que fronteiras simbólicas erigidas anteriormente no quadro referencial de suas trajetórias foram rompidas e novas identificações foram constituídas com o “meio”, confirmando a proposição de França (2007b, p. 252) sobre “a dimensão de agência dos sujeitos dada pelo próprio processo de subjetivação” e a “existência como potencialidade, mesmo que mais ou menos delimitada por determinadas relações sociais e pelos constrangimentos daí advindos”. Ou seja, os sujeitos escolhem a partir das possibilidades (im)postas formas de ser/estar e compartilhar experiências com iguais.
- 52 No entanto, o “meio” não está restrito apenas aos espaços físicos, podendo ser acessado também no mundo virtual, por meio de salas de bate-papo, sites, blogs, listas de discussões, circuitos de canais a cabo, ou seja, a experiência mostra-se fragmentada, dividida e intercambiada entre espaços *online* e *off-line*, ou seja, dentro e fora do ambiente virtual.
- 53 Durante a pesquisa não interessava investigar o “meio” virtual, mas saber como ocorria a transposição deste plano para o da realidade vivida. Ou seja, a dimensão do virtual apareceu nas primeiras entrevistas e localizava os sujeitos como pertencentes a vários espaços e contextos, sejam eles virtuais ou reais, e por isso interessava saber como é que a rede mundial de computadores ajudava-os a construir identidades sócio-sexuais e manter relações de sociabilidade na vida *off-line*.

[P.H.] Outro ponto importante: site de relacionamentos, sala de bate-papo na internet. Era uma coisa que eu tinha muito medo. Eu sempre achei super estranho marcar com alguém. Eu não julgo, mas pra mim, particularmente, eu não gosto, comigo. Mas eu conheci um rapaz, entendeu, uma vez, alto... Eu gosto de gente nova, 18, 19 anos. Aí, foi que eu marquei, conversei e tudo. Fiquei de leva lá na Doca e tudo. Aí, foi que a gente ficou lá.

[Milton] Vocês se conheceram antes no bate-papo?

[P. H.] A gente se conheceu no bate-papo. A gente marcou de ir na Doca. Aí, eu apresentei pro pessoal e tal. E realmente ele era muito bonito: alto, brancão, sabe?! E tinha aquela questão do “fura-olho”, sabe?! Todo mundo tava de olho e queria. E a priori a gente ia lá pra se conhecer, pra ficar colega. A gente conversou muito antes d’eu, digamos assim, socializar ele com todo mundo. Só que acabou que eu fiquei com ele. A gente entrou em contato depois pelo MSN, e continuou o contato. Só que essa parte eu nunca gostei muito (Trecho da entrevista com P. H., 27 anos, 24/01/2012).

Então, eu lembro, ah, que eu conheci o T. numa sala de bate-papo. Eu entrei com o *nick*, na época, de “Menino mimado” e o Tontava com outro *nick* e gente tava no mesmo lugar. Nós dois estávamos acessando no Laboratório de Informática, nessa época que ele era estagiário. Aí, ele viu que eu estava acessando... Aí, eu lembro que o T. viu que eu tava de frente, assim, pra ele, aí ele fechou meu computador. Aí, quando ele me chamou, foi muito engraçado. Aí, a partir daí ficou uma amizade muito bacana. Mas a gente não falava nada de sexual, não. Estávamos só conversando mesmo. E ele perguntou onde eu tava. Aí, eu falei que tava na UFPA. Aí, ele ficou assim, ele olhou... mas, enfim. Então, é, é... Ele

começou a reforma aquilo que eu já tinha descoberto: as salas de bate-papo, na internet, como forma de obter prazer. E com o T., ele meio que me reforçou, a eu procurar mais. Aí, eu comecei a procurá mesmo. Aí, eu tinha contatos pela internet, marcava as relações por lá, né?! E foi, foi, assim: quando eu digo que foi importante é porque, a ideia é que eu comecei a perceber como as pessoas exigem características uma das outras (Trecho da entrevista com L. C., 30 anos, 23/01/2012).

- 54 Esses dois trechos mostram como existe uma intercambialidade entre os mundos *online* e *off-line*, uma vez que nas duas entrevistas os contatos saíram do virtual para o real. Portanto, as atuais pesquisas sobre sociabilidade e lazer não podem negligenciar as relações desenvolvidas *online*, pois essas são constitutivas de novas formas de estar junto, de se fazer presente e se manter contato. E até mesmo de ajudar na construção de si, como a entrevista abaixo deixa claro:

[...] em 2007 eu entrei numa comunidade que eu descobri, que chamava “Fórum de hormônios”. Tem três: a primeira era “Hormônios para transexuais”; aí, entrei numa outra chamada “Fórum de hormônios e mundo trans” e a outra é “Hormônios para transgêneros”. A “Fórum de hormônios e mundo trans” foi a comunidade assim, que eu via umas indicando medicação pra outras. Mas elas sempre dizendo que deveriam procurar um médico, não sei o quê. Então, elas sempre compartilhavam as experiências delas com determinados hormônios pra outras. Então, nessa, eu comecei a tomar determinados hormônios que eu vi que algumas falavam que não fazia efeito. Aí, começou esse processo mesmo, de mudança física, né?! Com a utilização de hormônios a minha pele ficou acho que mais fina, não sei. Aí, meus seios cresceram pouco, né?! E foi quando meu lado cerebral, que é trans... não sei... enfim. Mas foi o suficiente pra eu começar a me identificar que a orientação, o afeto que eu tinha com as pessoas do mesmo sexo, né?! E... só que a minha identidade, eu me via como uma mulher, como eu me vejo, né?! E, nisso, eu me via como uma travesti. Mas, sei lá, eu acho que a diferença entre uma travesti e uma *trans* é tão ínfima, é uma coisa que nem dá pra diferenciar, sei lá. Aí, eu digo não, antes de falar travesti, pra todo mundo eu falo que sou trans, né?! A minha identidade é feminina, eu me vejo como uma menina, praticamente, como uma garota e... só que gostando de pessoas do mesmo sexo do que eu. Então, aí, pronto, parece uma... Hoje eu me vejo meio que assim: eu parto do pressuposto social, né?! Eu já acabei tendo esse conhecimento que meu gênero é feminino e orientação sexual, eu diria, que é hetero... (L. C., 30 anos, 23/01/2012).

- 55 A (re)construção do corpo, gênero e sexualidade de L. C. foi mediada por sua vivência *online*, onde aprendeu os significados de ser uma mulher transexual, os símbolos e códigos de conduta que modulam esses sujeitos. O estabelecimento virtual de uma comunidade em que se compartilhem experiências lembra um pouco os primeiros “grupos de identificação” propostos pelo pioneiro SOMOS, no qual os novos membros tinham um espaço para compartilhar experiências de *coming out*, vivências no gueto e os medos da violência⁴⁵.
- 56 Na intenção de buscar informações sobre as formas sociabilidades estabelecidas pelos interlocutores, vislumbrou-se a possibilidade usar as informações sobre blogs, sites, chats como suporte ao diálogo mantido nas entrevistas. A não utilização destes como campo etnográfico possibilitou recortar o objeto de forma mais clara, haja vista a intenção de perceber as representações dos sujeitos tendo em vista suas vivências em lugares, espaços e tempos reais.

Reflexões finais

- 57 Esta pesquisa limitou-se aos bares e boates do circuito GLS de Belém e à sociabilidade permitida por estes espaços, mediada pela construção de uma identidade sócio-sexual. Não foi possível investigar mais profundamente outros aspectos visíveis na pesquisa de campo, mas pode-se perceber novas questões, como a relação das/dos interlocutoras/es com a rede mundial de computadores, por exemplo.
- 58 Outros espaços de sociabilidade, como as saunas e cinema, que têm como perspectiva o estabelecimento de interações erótico-sexuais entre homens, homossexuais ou não, exigem uma pesquisa ou várias para que se compreendam todos os significados e códigos componentes nesta forma particular de sociabilidade que envolve sexo e segredo. Estes são mais fluídos, não sendo configurados essencialmente por redes de amizades, mas mediados pelo encontro em potencial de parceiros sexuais.
- 59 De maneira geral, os bares e boates do circuito GLS não se diferenciam em nada dos outros bares e boates da cidade, ou do circuito hetero – como queiram –, com a exceção de que nas boates GLS é possível de se encontrar um *dark room*, enquanto que em boates HT é mais raro. Outra particularidade, são os shows de *drag queens*, que raramente habitam casas noturnas hetero, e a presença de *gogo boys* seminus circulando no salão. Como os espaços ainda são compostos majoritariamente por homens gays, ainda é rara a presença de *gogo girls*.
- 60 Contudo, é importante atentar que a *diferença*⁴⁶ marca a sociabilidade no interior do circuito GLS, se costurarmos as análises aos sistemas de classificação, pois como afirmam Simões, França e Macedo (2010)
- Os eixos classificatórios relacionados à sexualidade tendem a apresentar uma crescente complexidade terminológica. A hierarquia de gênero, articulada a partir da oposição masculinidade/atividade sexual *versus* feminilidade/passividade sexual, que englobaria de forma sistemática todas as identidades sexuais em termos de oposições bipolares entre “machos” e “fêmeas”, “homens” e “bichas”, ou “sapatões” e “mulheres”, tem convivido com uma proliferação de categorias e identidades sexuais – tais como “entendidos”, “gays”, “homossexuais”, “travestis”, “transexuais”, “*queers*”, “sem rótulos” –, cada qual acompanhada de modulações de performances de gênero (p. 41).
- 61 No entanto, algumas formas de sociabilidade encontrada na pesquisa são possíveis porque existe um mercado pouco segmentado, que aumenta a possibilidade de interação dos sujeitos com marcadores sociais distintos. Ou seja, a possibilidade de encontrar alguém com quem conversar, socializar e/ou manter um relacionamento amoroso e que seja de classe, gênero, geração ou raça diferente é maior em Belém, pois os espaços não estão marcadamente construídos a partir dessas referências. Isto é, os lugares na capital paraense, por fugirem a lógica do mercado que encapsula as identidades e as subdivide em várias categorias, acabam por receber sujeitos com diferentes trajetórias, que também já percorreram trajetos dentro do circuito, que possibilita um maior estabelecimento de vínculos de solidariedade.

BIBLIOGRAPHY

- BRAZ, Camilo Albuquerque de. **À meia luz: uma etnografia imprópria em clubes de sexo masculinos**. Tese de Doutorado em Ciências Sociais, Área de Estudos de Gênero, IFCH/Unicamp. Campinas, 2010.
- CANCLINI, Néstor. Imaginários culturais da cidade: conhecimento/espetáculo/ desconhecimento. In: _____. **A Cultura pela Cidade**. São Paulo: Iluminuras/Itaú Cultural, 2008. (p. 15-31)
- COSTA, Antônio Maurício. **Festa na Cidade: o circuito bregueiro de Belém do Pará**. Belém: EDUEPA, 2009.
- FACCHINI, Regina. **Entre Umas e Outras: mulheres, (homo)sexualidades e diferenças na cidade de São Paulo**. Tese de Doutorado em Ciências Sociais, Área de Estudos de Gênero, IFCH/Unicamp. Campinas, 2008.
- FOUCAULT, MICHEL. **As palavras e as coisas**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- _____. **Da amizade como modo de vida** (tradução de Wanderson Flor do Nascimento da entrevista “De l’amitiécommemode de vie” concedida à R. de Ceccaty, J. Danet e J. Le Bitoux, publicada no jornal GaiPied, nº 25, abril de 1981, p. 38-39). Disponível em: <http://www.unb.br/fe/tef/filoesco/foucault/amitie.html>. Acesso em 26 MAIO 2009.
- _____. **História da Sexualidade 1: a vontade de saber**. Rio de Janeiro. Graal. 1997.
- _____. **Sexo, poder e política da identidade** (tradução de Wanderson Flor do Nascimento da entrevista “Sex, Power andthepoliticsofidentity” concedida à B. Gallagher e A. Wilson, publicada no The Advocate, nº 400, 7 de agosto de 1984, p. 26-30 e 58). Disponível em: <http://www.filoesco.unb.br>. Acesso em 26 MAR 2010.
- FRANÇA, Isadora Lins. **Cercas e pontes: o movimento GLBT e o mercado GLS na cidade de São Paulo**. Dissertação de Mestrado em Antropologia Social, FFLCH/USP. São Paulo, 2006.
- _____. “Identidades coletivas, consumo e política: a aproximação entre mercado GLS e movimento GLBT em São Paulo”. In: **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, 28, 2007a. (p. 289-311)
- _____. Sobre “guetos” e “rótulos”: tensões no mercado GLS na cidade de São Paulo. In: **Cadernos Pagu**, n. 28, 2007b. (p. 227-255)
- FRUGOLI JUNIOR, Heitor. **Sociabilidade urbana**. Rio de Janeiro: Jorge ZaharEd., 2007.
- GONÇALVES, Telma Amaral. **Homossexualidade – representações, preconceito e discriminação em Belém**. Trabalho de Conclusão de Curso (Curso de Ciências Sociais). Belém. UFPA, 1989.
- GUIMARÃES, Carmem Dora. **O homossexual visto por entendidos**. Rio de Janeiro: Editora Garamond, 2004.
- HANNERZ, Ulf. Fluxos, fronteiras, híbridos: palavras-chave da Antropologia Transnacional. In: **Mana**, v. 3, n. 1, abril de 1997. (p. 07-39)
- HENNING, Carlos Eduardo. **As diferenças na diferença: hierarquia e interseções de geração, gênero, classe, raça e corporalidade em bares e boates GLS de Florianópolis, SC**. Dissertação

(Mestrado em Antropologia Social) – Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Florianópolis. UFSC, 2008.

MAGNANI, José Guilherme. De Perto e de Dentro: notas para uma etnografia urbana. In: **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, vol. 17, nº 49, 2002.

MISKOLCI, Richard. **A vida como obra de arte – Foucault, Wilde e a estética da existência**. Disponível em <<http://www.ufscar.br/richardmiskolci/paginas/academico/cientificos/vidaarte.html>>. Acesso em 26 MAIO 2009.

MIKOLCI, Richard e PELÚCIO, Larissa. Prefácio à nova edição: Aquele não mais obscuro negócio do desejo. In: PERLONGHER, Néstor. **O negócio do michê: prostituição viril em São Paulo**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2008. (p. 9-32)

PAIVA, Antônio Crístian Saraiva. Reserva e Invisibilidade: a construção da homoconjugalidade numa perspectiva micropolítica. In: GROSSI, Miriam Pillar; UZIEL, Ana Paula; MELLO, Luiz. **Conjugalidades, parentalidade e identidades lésbicas, gays e travestis**. Rio de Janeiro: Garamond, 2007 (p. 23-46)

PELÚCIO, Larissa. **Nos nervos, na carne, na pele: uma etnografia sobre prostituição travesti e o modelo preventivo de AIDS**. Tese (Doutorado em Ciências Sociais – área de concentração: Relações Sociais, Poder e Cultura). São Paulo. UFSCar, 2007.

PERLONGHER, Nestor. **O negócio do michê: a prostituição viril em São Paulo**. São Paulo: Brasiliense, 1987.

POLLAK, Michel. Memória, Esquecimento, Silêncio. In: **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol.2, n. 3, 1989.

RODRIGUES, Carmem Izabel. À beira do Rio Guamá... um bairro em movimento. In: BELTRÃO, Jane Felipe e VIEIRA JUNIOR, Antônio Otaviano (org). **Conheça Belém, Co-memore o Pará**. Belém: EDUFPA, 2008a (p. 93-107)

_____. **Vem do bairro do Jurunas: sociabilidade e construção de identidades em espaço urbano**. Belém: Editora do NAEA, 2008b.

SILVA FILHO, Mílton Ribeiro da. **Digressões homossociais: a (micro)política do armário ajudando a construir um ethos LGBT**. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Ciências Sociais, ênfase em Ciência Política) – Faculdade de Ciências Sociais/UFPA. Belém, 2010.

_____. **Na rua, na praça, na boate: uma etnografia da sociabilidade LGBT no circuito GLS de Belém-PA**. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais, área de concentração em Antropologia) – Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais/UFPA. Belém, 2012.

SIMMEL, George. **Simmel** – Sociologia. Coleção Grandes Cientistas Sociais. São Paulo: Ática, 1983.

_____. A metrópole e a vida mental. In: VELHO, Otávio (org.). **O fenômeno urbano**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1979 (p. 11-25).

SIMÕES, Julio Assis e FRANÇA, Isadora Lins. Do “gueto” ao mercado. In: GREEN, James e TRINDADE, Ronaldo. **Homossexualismo em São Paulo e outros escritos**. São Paulo: UNESP, 2005. (p. 309-336)

SIMÕES, Julio Assis; FRANÇA, Isadora Lins; MACEDO, Marcio. Jeitos de corpo: cor/raça, gênero, sexualidade e sociabilidade juvenil no centro de São Paulo. In: **Cadernos Pagu**, n. 35, julho-dezembro de 2010. (p. 37-78)

SOUZA, Izabela Jatene de. “**Tribos Urbanas**” em Belém: dragqueens – rainhas ou dragões? Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Belém. UFPA, 1998.

TREVISAN, João Silvério. **Devassos no paraíso**. Rio de Janeiro: Record, 2000.

VELHO, Gilberto e MACHADO, Luiz Antônio. Organização social do meio urbano. In: **Anuário Antropológico/76**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1977.

NOTES

1. SILVA FILHO, M. R. *Na rua, na praça, na boate: uma etnografia da sociabilidade LGBT no circuito GLS de Belém-PA*. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – PPGCS/IFCH/UFPA, 2012.
2. Circuito tomado “a partir da intervenção investigativa do pesquisador e não como uma realidade detentora de um significado ‘lógico’ preexistente à observação. A experiência dos atores no circuito só se torna inteligível ao tomarmos como parâmetro a intervenção do pesquisador e sua relação com a vivência em campo” (COSTA, 2009, p. 19).
3. As entrevistas, num total de sete, incluíram uma mulher transexual, uma mulher lésbica, um homem bissexual e quatro homens gays.
4. As categorias de análise propostas por Magnani já foram amplamente discutidas, mas para fins de explicação, a mancha é “sempre aglutinada em torno de um ou mais estabelecimentos, apresenta uma implantação mais estável tanto na paisagem como no imaginário. As atividades que oferece e as práticas que propicia são o resultado de uma multiplicidade de relações entre equipamentos, edificações e vias de acesso, o que garante uma maior continuidade, transformando-a, assim, em ponto de referência físico, visível e público para um número mais amplo de usuários” (2002, p. 23). Assim sendo, o trajeto ligaria manchas, por meio dos deslocamentos, nos contextos das cidades.
5. Categorias damattianas amplamente referendadas na constituição dos espaços antagonicamente construídos: público e privado, já amplamente discutidos, o que possibilitou visões acerca da casa também como um espaço público. Exemplo disso é a sala, espaço considerado como o mais público dos espaços restantes da casa.
6. Magnani (1998 e 2002) chamou de “pedaço”.
7. Entre os LGBTs é comum a referência ao “meio”, muito mais do que ao “pedaço”; nas décadas de 1970 e 1980 o termo “gueto” assumiu descritivamente os lugares de sociabilidade GLS.
8. Um exemplo desta criatividade está no uso e abusos do *bajubá*: gíria urbana utilizada pelos LGBTs no intuito de driblar @s “de fora”, serve como código linguístico capaz de congrega @s “de dentro”, ou seja, tod@ e qualquer indivíduo dissidente. Sobre o assunto ver Silva Filho (2010).
9. Rodrigues (2008, p. 94) afirma que o Forte do Presépio sofreu inúmeras intempéries sendo “reconstruído e substituído na primeira metade do século XVIII pelo Forte de Castelo do Senhor de Santo Cristo”.
10. Cf. Almeida, 2008, p. 53.
11. “Nos dois eixos de extensão do sítio inicial (no sentido do Guajará e no sentido do rio Guamá), a expansão se fez tanto por meio de lutas contra os índios que resistiam à ocupação da terra e das águas na ilha grande de Joannes (hoje ilha do Marajó), no Guajará, porta de entrada dos navegadores invasores, assim como nas margens do rio Guamá, onde se localizavam, à época, grupos tupinambás, como também por meio de acordos de paz, trocas e negociações com diversos grupos indígenas que se misturaram, desde então, à população do núcleo que se constituía, como trabalhadores escravizados ou cooptados, ocupando, desde o início, parte do

espaço da cidade, especialmente os arrabaldes, que já habitavam antes da chegada dos portugueses.” (RODRIGUES, 2008, p. 94-95).

12. Cf. Souza, 1997, p. 14.

13. “A conversão de Igarapé do Reduto se iniciou em 1851, mas somente atingiu uma forma mais regular e duradoura em 1859 quando passou a ser chamada de Doca do Imperador, posteriormente, Doca do Reduto.” (SOUSA, 2009, p. 32).

“A Doca do Reduto recebia as águas pluviais que vinham do antigo Largo da Pólvora (atual Praça da República) por meio de esgotos laterais construídos a partir do calçamento da Estrada do Paul d’Água. A partir dessa obra e do calçamento de várias ruas do Reduto realizados no final do século XIX o problema de saneamento das terras baixas predominantes na área foi sensivelmente reduzido, porém somente na segunda metade do século XX é que o problema das enchentes no bairro foi parcialmente solucionado, como trataremos mais adiante” (SOUSA, 2009, p. 33).

14. Eram clubes que não faziam diferença de público, podendo congregiar homens e mulheres, homossexuais e heterossexuais, assim como as travestis e transexuais, ou seja, congregavam também as sexualidades e gêneros dissidentes. Todas as boates descritas acima não existem mais.

15. Ainda, de acordo com Souza (2009, p. 45): “Deve-se aos intendentess Arthur Índio do Brasil, Barão do Marajó, Dr. Silva Rosado e Antônio José de Lemos, as principais reformas e melhoramentos introduzidos no logradouro, como o calçamento das ruas que o delimitam, a instalação de diversos equipamentos decorativos, o assentamento de monumentos e coretos, e principalmente a conformação de seu aspecto paisagístico, havendo a delimitação de passeios e jardins internos, fazendo com que a Praça ganhasse, em fins do século XIX e início do século XX, os contornos e perfis que hoje a caracterizam”. E continua: “Dentre os monumentos presentes na praça, vale ressaltar o da República, cuja pedra fundamental foi assentada em 15 de novembro de 1890, no governo de Justo Leite Chermont, que desejou comemorar um ano de proclamação da república com a instalação do referido monumento, feito pelo escultor genovês Michele Sansebastiano.”

16. A procissão do Círio acontece no segundo domingo de outubro, pela manhã, e faz o sentido inverso à Trasladação. Enquanto que esta “leva” a imagem peregrina de Nossa Senhora de Nazaré até a Catedral Metropolitana de Belém (Igreja da Sé), no sentido Nazaré-Cidade Velha, a primeira faz o contrário, retornando com a imagem para a Basílica de Nazaré, sentido Cidade Velha-Nazaré. A Trasladação acontece nas noites do sábado que antecede ao Círio e o próprio Círio acontece aos domingos pela manhã, sempre no segundo domingo do mês de outubro.

17. Iniciada em 1974 esta festa, atualmente, faz parte da Festividade de Nazaré. Esta, por sua vez, reúne as festividades e comemorações, como a procissão principal do Círio de Nazaré no mês de outubro.

18. Na verdade existe uma diferença entre a bandeira do arco-íris, que muit@s insistem em relacionar ao movimento LGBT, e a bandeira da diversidade (essa uma variação do arco-íris). Enquanto a primeira possui 7 cores (vermelho, laranja, amarelo, verde, azul, anil e roxo), a segunda possui 6 cores (vermelho, laranja, amarelo, verde, azul e roxo). No entanto, o arco-íris permanece como símbolo do Movimento LGBT no Brasil e no Mundo, tendo sido criado para a Parada Gay da Liberdade de São Francisco, em 1978 (cf. Manual de Comunicação LGBT, 2009).

19. França (2007b, p. 238) diz: “Com a popularização da sigla GLS, a distinção entre um estabelecimento gay e “GLS”, se é que um dia foi tão efetiva quanto gostariam os autores da sigla, perdeu-se bastante, e hoje é muito comum a utilização das duas denominações como sinônimos. Mesmo espaços nitidamente segmentados, como saunas gays, podem ser definidas como GLS, indicando que o termo passou a ter significados não previstos originalmente e mesmo em oposição aos quais haviam surgido”.

20. Termo usual no meio GLS que designa um lugar com muita gente e que, provavelmente, possibilite encontros afetivo-sexuais.

21. Digo perigosas porque Henning (2008) afirma que existia um descompasso nas considerações dos proprietários sobre os lugares, se eram bares ou boates, em contrapartida dos frequentadores dos mesmos.
22. Ver Silva Filho (2010).
23. Categoria êmica que se refere à festa, festejo, mas ao se esgarçar o termo podemos ligá-lo, também, à bagaceira.
24. “A estética da existência consistiria na elaboração de uma relação não-normativa consigo mesmo, a formação de si mesmo como decisão ético-estética. É uma atitude política fundada na resistência às formas impostas de subjetividade, o que Foucault prefigurou na forma como a vida comunitária gay reabilitara a amizade de forma a não a dissociar do sexo. Desde a Antiguidade, a amizade tendia a ser compreendida como uma relação que excluía a sexualidade, mas foi no Cristianismo que sua ‘ambiguidade’ foi resolvida por Santo Agostinho, o qual substituiu a *philia* pela *ágape*, ou seja, a amizade pelo amor ao próximo fundado na *cáritas* cristã. A política da amizade proposta por Foucault não reverte apenas esta ‘dessexualização’. Sua proposta de uma ascese e uma forma de vida gay fundadas na amizade tem como objetivo a constituição de uma comunidade em bases não-identitárias” (MISKOLCI, 2009, p. 15).
25. Embora Julio Simões e Isadora França (2005, p. 309-310) considerem como “gueto homossexual”: “espaços urbanos públicos ou comerciais – parques, praça, calçadas, quarteirões, estacionamentos, bares, restaurantes, casas noturnas, saunas –, onde as pessoas que compartilham uma vivência homossexual podem se encontrar”.
26. Ver Simões e França (2005) e França (2006, 2007a, 2007b, 2010).
27. Ver Perlongher (1987 e 2005).
28. Pelúcio (2007).
29. Facchini (2008).
30. Braz (2010).
31. França (2006).
32. “Homens de aparência viril, que exibem um corpo musculoso e trabalhado fisicamente” (nota 6, p. 233).
33. “Homens que se identificam com códigos de masculinidade e valorizam atributos como a gordura e os pêlos, em contraposição às *barbies*” (nota 7, p. 233).
34. “Homens mais velhos, que também se identificam como maduros e frequentam espaços destinados a esse público, assim como sites de encontros e festas em que são valorizados no mercado afetivo-sexual” (nota 8, p. 233)
35. . Fui muitas vezes fui reconhecido pelos frequentadores e alguns funcionários/as, por estar presente quase todos os finais de semana. A expressão mais comum nesse tipo de situação é: “Tu já tens a carteirinha daqui, né?”.
36. Frúgoli Junior (2007) assim descreve esse procedimento metodológico: “Uma distinção significativa na obra de Simmel, entre forma e conteúdo, clarifica-se noutra modalidade básica de sociabilidade, a *conversa* (principalmente a despida de fins práticos), cujo conteúdo não é o propósito (embora a conversa não deva ser desinteressante), mas o meio pelo qual o vínculo social se mantém enquanto forma (independente, portanto, das mudanças fáceis e rápidas de assunto). Assim, através das trocas de palavras, os participantes zelam pela relação em curso, por meio de regras de amabilidade e etiqueta voltadas à circunscrição de qualquer exacerbação das individualidades” (p. 10).
37. Categoria êmica para explicar os lugares mais divertidos, animados, agitados, com maior possibilidade de arranjar um encontro amoroso e/ou sexual, os que tocam as músicas mais recentes e que estão fazendo sucesso, etc.
38. Termo êmico, do bajubá, sinônimo de “algo ruim”, “mau”, “podre”, etc.
39. Termo êmico, do bajubá, que qualifica um homossexual de acordo com atributos positivos, sejam eles de raça, classe, performance de gênero, atividade sexual, escolaridade, etc.

40. Termo êmico, do bajubá, que desqualifica um homossexual, de acordo com atributos negativos, sejam eles de raça, classe, performance de gênero, atividade sexual, escolaridade, etc.
41. “Mulheres (que geralmente não se consideravam lésbicas) com laços fortes de amizade com homens gays”. Henning (2008, p. 79) dedica algumas páginas a microgenealogia desta categoria e a relação destas no circuito de Florianópolis.
42. Música eletrônica dançante, que possibilite o chamado “bate-cabelo”, ou seja, uma performance de dança que envolve movimentos corporais enérgicos e frenéticos.
43. “Homens que fazem sexo com homens” ou HSH é um termo utilizado pelo Ministério da Saúde, dentro da política de prevenção às Infecções Sexualmente Transmissíveis e ao HIV-AIDS (ISTs/HIV-AIDS), para caracterizar homens que não se consideram gays mas que mantêm práticas homoeróticas.
44. De heterossexual e refere-se à classificação da indústria de entretenimento adulta, na qual os filmes são classificados de várias maneiras, mas que para esse momento não é importante explicitar.
45. Para saber em detalhes como esse grupo era organizado, ver MacRae (1990).
46. “A marcação da diferença é um componente-chave de qualquer sistema classificatório. Desse modo, pessoas, objetos e comportamentos ganham sentido – vale dizer, são socialmente produzidos – por meio da atribuição de diferentes posições em um sistema classificatório” (SIMÕES, FRANÇA e MACEDO, 2010, p. 40).
-

ABSTRACTS

Este artigo é resultado da etnografia urbana realizada na cidade de Belém, Pará, que buscou tensionar os aspectos relacionados às questões de gênero e sexualidade no interior do circuito GLS. A partir da pesquisa de campo na mancha de sociabilidade e lazer, da observação direta e participante em bares e boates, e das entrevistas, com ênfase nas histórias de vida das/dos interlocutores/as, destacou os aspectos relacionados às formas de sociabilidade, estilos de vida, “modos de viver” e produção de subjetividades. Considerou ainda as diversas maneiras de se construir e vivenciar gêneros e sexualidades dissidentes, seja na vida *off-line* – partindo das redes de amizade, das vivências nos bares e boates, praças ou em qualquer lugar que possibilite a “pegação” –, seja *online*, através da *internet*.

This article is the result of urban ethnography conducted in Belém, Pará, which sought to tighten the aspects related to gender and sexuality in the circuit GLS. From the field research on sociability and leisure spot, direct observation and participant in bars and nightclubs, and interviews, with emphasis on the life histories of the interlocutors, highlighted the aspects related to the forms of sociability, styles of life, "ways of living" and production of subjectivities. It also considered the various ways to build experience and dissident sexualities and genders, whether in life offline – drawing on networks of friends, the experiences in bars and nightclubs, parks or anywhere that allows for "cruising" - is online through the internet.

INDEX

Keywords: LGBT sociability, circuit GLS, coming out

Palavras-chave: sociabilidade LGBT, circuito GLS

AUTHORS

MÍLTON RIBEIRO DA SILVA FILHO

Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, área de concentração em Antropologia, da Universidade Federal do Pará.

CARMEM IZABEL RODRIGUES

Doutora em Antropologia, docente da Faculdade de Ciências Sociais e do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal do Pará.